

Murilo Cisalpino

ILUSTRAÇÕES Manoel Veiga



# O tamanho da gente



autêntica



Oliveira

Para Mônica, manhosa e  
sedutora dona dos meus dias.

Para dona Neuzinha, bênção que  
Deus me deu para nascer.

Para meu pai, Eduardo Cisalpino,  
e minha amiga Magda Soares,  
por insistirem com este  
indisciplinado escritor.

Para Solange e Newton Prado,  
pelo apoio inestimável.





Copyright © 2009 Murilo Cisalpino  
Ilustrações © Manoel Veiga

**Edição geral**

Sonia Junqueira (T&S - Texto e Sistema Ltda.)

**Edição de arte e projeto gráfico**

Diogo Droschi

**Revisão**

Cecília Martins

AUTÊNTICA EDITORA LTDA.

**Editores responsáveis**

Rejane Dias

Revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida,  
seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia  
xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

**Belo Horizonte**

Rua Aimorés, 981, 8º andar . Funcionários  
30140-071 . Belo Horizonte . MG  
Tel.: (55 31) 3222 6819

Teleendas: 0800 283 1322  
www.autenticaeditora.com.br

**São Paulo**

Av. Paulista, 2073 . Conjunto Nacional  
Horsa I . 11º andar . Conj. 1101  
Cerqueira César . 01311-940 . São Paulo . SP  
Tel.: (55 11) 3034 4468

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cisalpino, Murilo

O tamanho da gente / Murilo Cisalpino ;  
ilustrações Manoel Veiga. -- 1. reimp. -- Belo Horizonte :  
Autêntica Editora, 2012.

ISBN 978-85-7526-384-6

1. Literatura infantojuvenil I. Veiga, Manoel.

II. Título.

09-02260

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5



Murilo Cisalpino

ILUSTRAÇÕES Manoel Veiga

# O tamanho da gente

1ª reimpressão



autêntica







Andei pensando muito e começo a  
desconfiar que a coisa que eu mais tenho feito  
nesta vida é... crescer!



Hoje eu tenho este tamanho que eu tenho, mas é um tamanho que ainda é pequeno, porque sei que tem um monte de coisas me esperando para quando eu crescer de verdade: são coisas que a gente só pode fazer quando for grande.

Por exemplo, quando a gente pergunta assim:

– Pai, eu posso “sei lá o quê”?

E a resposta é:

– Só quando você crescer, rapazinho...













**E também:**

– Mãe, quando é que eu vou poder  
“nãnnã”?

– Quando você estiver maiorzinho,  
querido.

Ah, mas eu sei que tenho crescido.  
Não faltam tias e avós e todo tipo de  
amigos da família pra me dizer:

– Nossa, como você cresceu!

Às vezes, eles comentam:

– Vai ficar maior que o pai.

– Vai te botar no chinelo, Alberto!

(Alberto é o nome do meu pai.)



É, realmente, estou crescendo. Vejo fotografias de um tempo que nem lembro, de tão pequeno que eu era.

Um tempo em que nem andar eu sabia.

Um tempo em que eu era um euzinho sumido no colo da minha mãe, todo enrugado e enrolado em paninhos.

Um tempo em que eu passava, de pé, por baixo da mesa da sala.













Vejo fotografias de um tempo em que eu nem apareço na foto, mas dizem que sou eu quem está lá, dentro da barriga da mamãe – e meu pai ao lado, com uma cara engraçada, um sorriso amarelo, tadinho, como a dizer: “Como será que vai ser esse pestinha, meu Deus?!”.

Meu pai parece sonhar: “Será que vai ter os olhos puxados, como os da mãe? Será que vai ter esta minha cara lavada? Será que vai ser goleiro, artilheiro... engenheiro, barbeiro, festeiro, bombeiro, cheio do dinheiro... Serei pra ele um bom companheiro?”.







Diz o meu pai que eu já fui tão pequeno, mas tão pequeno, que nem dava pra ver. Só pelo mitrospóquio... Não, é mifoslóquio.... ou... Mistroscópio? Bom, foi no tempo do óvulo e do tal de "seiquelaoide": um da minha mãe, outro do meu pai. Eles se encontraram e, quando se encontraram, eu comecei a ser eu. Uma titiquinha de eu que começou a crescer, todo dia, desde então.



Pois, como já disse, eu tenho crescido mesmo. Além das fotografias, tenho muitas marquinhos no batente da porta do meu quarto para provar. E, é claro, de novo, as minhas tias sempre a dizer “Nossa-como-você-cresceu!” – nessa hora, atrapalham meu cabelo e apertam minhas bochechas... Que coisa!

Mas, dizem, a gente para de crescer, um dia. Dizem que um dia a gente chega ao tamanho que é aquele tamanho que a gente vai ter na vida. E pronto, acabou-se. Não cresce mais.











**Será?! Pode até ser... Só tem uma coisinha: eu acho que a gente pode até parar de crescer por fora, mas a gente continua crescendo por dentro. Pra dizer a verdade, eu acho que por dentro é onde a gente mais cresce.**







Dentro da gente, a gente cresce em lugares, quando viaja; cresce em olhares, em sorrisos, em tristezas e em risos das pessoas que passam pela gente. Dentro da gente, colecionamos proezas, como a vez que eu pulei o muro do vizinho ou como a primeira vez que atravessei a rua sozinho.

É, isso mesmo. Dentro da gente, a gente cresce em lembranças, cresce em esperança, em vontade, em desejo de realizar sempre alguma coisa a mais.



Dentro da gente é tão grande  
que lá começam a morar pessoas: a Rita e sua  
fita xadrez; o Joca e sua caixa de papelão,  
uma máquina poderosa que vai levar ele até  
as estrelas; o Crispim, jardineiro que cultivava  
jasmins; o Nelson da sorveteria e seu bigode  
que dá voltinha. O Daniel e seu jeito amigo,  
a Sara e seus olhos guaranis... e mais o Ari e  
todos os amigos da escola.

Dentro da gente pode morar o olhar de  
alguém que a gente nunca vai saber quem  
é, mas que passou por nós de repente, na  
rua, e nos olhou com um jeito meigo, de uma  
meiguice que foi embora com ela.













Dentro da gente pode morar  
uma voz de mulher cantando uma música  
desconhecida, numa manhã chuvosa de  
domingo. Pode morar também o estranho  
sapato de um menino que um dia a gente viu  
na feira da esquina.

Pode morar um cheiro de terra, um gosto  
de fruta, uma brincadeira nas poças de chuva.  
Pode morar todo um arco-íris que a gente viu,  
um dia, riscando o céu como lápis de cera.



Pode morar o barulho das asas dos pombos que vivem na praça; pode morar toda a praça. Pode morar também uma dor de dente ou a dor de um tombo de bicicleta. Pode morar a tristeza de não ter ganhado um presente desejado ou a tristeza de se sentir, às vezes, sozinho no meio de muita gente. Pode morar a alegria explosiva de um gol do Brasil na Copa do Mundo e a gente feliz, no meio de muita gente, abraçando e sorrindo pra quem a gente nunca viu ou verá de novo.

Dentro da gente podem morar montanhas e rios, mares e florestas. Pode morar também um tatuzinho-bola que a gente comeu no jardim, só por curiosidade, coitado!

Dentro da gente podem morar milhões de histórias, como as que moram no meu avô, que já anda meio encurvado pelo peso de todas elas, eu acho.











Pois o que eu queria dizer, enfim,  
é que eu tenho crescido, é verdade, mas talvez  
não tenha de parar de crescer quando o meu  
tamanho chegar. Porque não há tamanho  
maior que o tamanho da gente, o tamanho  
que a gente quer ter... lá dentro.



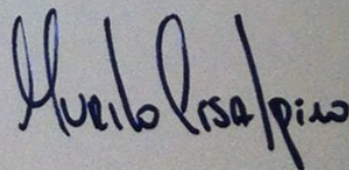
## O autor

Sou natural de Belo Horizonte e moro atualmente em Timóteo, Minas Gerais. Professor de História há mais de 20 anos e escritor, vivo de História e de histórias. Gosto também de cozinhar, talento que construí pelo prazer de ver o amor com que minha mãe cozinha. Gosto também de conversar com minha esposa, de brincar com meus cachorros e de cultivar plantinhas na horta de casa. Diria que sou um “animal doméstico”, que adora sua casa e suas coisinhas.

Escrever para crianças é uma das maiores responsabilidades que tenho na vida e, ao mesmo tempo, uma alegria transformadora: é quando tento dizer, em histórias, o que penso do mundo e das pessoas, da vida e do viver. Quando escrevo, estou aprendendo comigo mesmo, e quero contar um pouco do que aprendi para as crianças.

Este *O tamanho da gente* nasceu de uma reflexão sobre o que é verdadeiramente crescer e sobre o que nos torna universos únicos: somos feitos das coisas que aprendemos, que vivemos, que sentimos e saboreamos ao longo da vida, dos amigos que fazemos, das pessoas que perdemos... de nossas vitórias e derrotas.

Crescer é curtir e saborear cada momento da vida; por isso, o livro pretende passar a ideia de que crescer é para sempre, é interminável e imenso, no sentido das possibilidades e oportunidades que temos a cada segundo, a cada momento. Viver é muito mais que ter coisas, é construir a si mesmo com o carinho e o cuidado de um artesão de almas.





## O ilustrador



Nasci em Recife em 1966. Formei-me em Engenharia Eletrônica pela Universidade Federal de Pernambuco e, logo em seguida, trabalhei em fábrica. Alguns anos depois, abandonei essa carreira e passei a me dedicar às artes plásticas, minha paixão. Frequentei a Escolinha de Arte do Recife e trabalhei sob a orientação do artista Gil Vicente de 1995 a 1997. Estudei na Escola Nacional Superior de Belas-Artes e na Escola do Louvre em Paris, França, em 1997. Mudei-me para São Paulo no ano seguinte e vivo nesta cidade desde então.

Fiz das artes a minha vida e tenho participado regularmente de exposições no Brasil e no exterior. Este é meu segundo trabalho como ilustrador; o primeiro aconteceu inesperadamente, graças ao convite de um autor e grande amigo, Celso Gutfreind. Assim, entrei nesse novo e encantador universo... pela amizade!

Nos últimos anos, tenho me dedicado basicamente à pintura e à fotografia, e, talvez por isso, a técnica que desenvolvi para ilustrar use a foto como ponto de partida para o desenho, mas use também a forma de pensar de um pintor – embora a ferramenta principal seja o computador, pois tudo é feito em um programa chamado *Photoshop*.



ISBN 978-85-7526-384-6



“Diz o meu pai que eu já fui tão pequeno, mas tão pequeno, que nem dava pra ver. Só pelo mitrospóquio... Não, é mifoslóquio.... ou... Mistroscópio? Bom, foi no tempo do óvulo e do tal de ‘seiquelaoide’: um da minha mãe, outro do meu pai. Eles se encontraram e, quando se encontraram, eu comecei a ser eu. Uma titiquinha de eu que começou a crescer, todo dia, desde então.”

E essa “titiquinha”, um menino esperto e sensível, que presta atenção em tudo o que o rodeia – pessoas, bichos, lugares –, vai crescendo e descobrindo coisas bonitas e importantes sobre a gente, não importa o tamanho que a gente tenha...



**autêntica**  
www.autenticaeditores.com.br